

“Caminho se conhece andando”.

A importância da imersão cultural na Residência Social na EAUFBA/CIAGS

"WAY IS KNOWN WALKING". THE IMPORTANCE OF CULTURAL IMMERSION IN SOCIAL RESIDENCE (EAUFBA/CIAGS)

Edgilson Tavares de Araújo¹

RESUMO

Este paper problematiza a importância da dimensão cultural nas experiências de imersão que concretizam a Residência Social. Residência Social (RS) é aqui referida como a ideia desenvolvida e utilizado inicialmente no Programa de Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS), atualmente institucionalizado como Centro de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS), na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Trata-se de uma tecnologia de formação de gestores sociais que possibilita a fusão teoria-prática e diferentes tipos de conhecimento. Propõe-se uma compreensão ampla sobre a cultura aplicada a Residência Social, o que caracterizaria mais uma inovação, já que se trata de um método contextual, transitório e dinâmico nos processos de formação dos gestores sociais.

Palavras-chave: Residência Social, Cultura, Formação.

ABSTRACT

This paper discusses the importance of the cultural immersion experiences in giving effect to the Residência Social. Residência Social (RS) is referred to herein as the idea developed and first used in the Program of Development and Social Management (PDGS), now institutionalized as a Center of Development and Social Management (CIAGS) at the Federal University of Bahia (UFBA). It is a technology management training that enables the social merging theory and practice and different types of knowledge. It proposes a broad understanding about the culture applied to Residência Social, which characterizes yet another innovation, since it is a contextual method, transient and dynamic formation processes of social managers.

Keywords: Residência Social; Culture; Formation Programs.

¹ Doutorando em Serviço Social (PUC-SP / Universidade Católica Portuguesa). Bolsista CAPES BEX 2516/11-0. Pesquisador do Observatório da Formação em Gestão Social.

INTRODUÇÃO

Imaginemos algumas situações... Estar no Brasil, não conhecer o samba e/ou tentar sambar? Ir a Salvador e não sentir o coração vibrar aos sons dos tambores no Pelourinho? Esquentar-se no sertão nordestino e não conhecer as iguarias feitas com o xiquexique? Conhecer Belém do Pará e não experimentar o tacacá e tentar dançar carimbó? Visitar o Rio Grande do Sul e não se aquecer com o doce-amargo do chimarrão? Escutar as diferenças da língua portuguesa em Portugal? Encontrar-se em Paris e não buscar se emocionar com a majestosa incandescência da Torre Eiffel? Chegar ao Marrocos e não sentir os aromas e sabores e comer com as mãos? Entender os templos budistas estando na Tailândia?

Certamente, quem concordar com alguns destes exemplos, pode perder imensas oportunidades de aprendizagem em gestão social. Apesar de cada vivência ser pessoal e feita por escolhas, entendo ser inexorável na formação do gestor social, estar, ir, experimentar, conhecer, escutar, ver, sentir, compreender... Ou seja, anuncio aqui um das mais importantes componentes para a formação em gestão social que é a imersão cultural. Se este campo de atuação é considerado como modalidade de intervenção diferenciada com um enfoque que implica em reflexão crítica sobre a ação, a dimensão cultural é uma das mais importantes no sentido de aparecer como inerente a vida humana estando num mundo simbólico e de significações (MORO, 2005).

Cabe destacar que a formação é aqui entendida como “um conjunto de condições e mediações para que as aprendizagens socialmente legitimadas se realizem”, e ainda, “um fenômeno que se configura numa *experiência* profunda e ampliada do *Ser* humano que aprende interativamente, de forma significativa, imerso numa cultura, numa sociedade, através das suas diversas e *intencionadas mediações*” (MACEDO, 2010, p.21 – grifos do autor). Neste sentido, a Residência Social² apresenta-se como uma importante tecnologia de formação, já que permite aprender de modo interativo e dialógico, conhecendo

² Residência Social (RS) é aqui referida como a idéia desenvolvida e utilizado inicialmente no Programa de Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS), atualmente institucionalizado como Centro de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS), na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Trata-se de uma tecnologia de formação de gestores sociais que possibilita a fusão teoria-prática e diferentes tipos de conhecimento. Utilizam-se atividades prático-reflexivas e imersão do estudante (de graduação, pós-graduação ou extensão) em uma distinta realidade social, vivendo em experiências concretas de gestão social e desenvolvimento. A RS mescla atividades técnicas-profissionais, acadêmicas e vivenciais que a levam a um mix de práticas de estágio, consultoria, intervenção e pesquisa social visando proporcionar ao estudante um espaço de interação sócio-relacional e multidisciplinar com diferentes realidades práticas (organizacionais / territoriais) que lhe exigem respostas complexas, com a integração criativa de saberes.

novos territórios, organizações e culturas, por meio de intencionadas condições e mediações.

“CAMINHO SE CONHECE ANDANDO”

O Residente Social ao *experimentar* e *compreender* por meio da imersão em diferentes realidades e contextos, tem de fato atos para uma formação significativa e diferenciada do gestor social. Ao experimentar é possível ir além do conhecimento teórico, da pesquisa ou do saber cotidiano, buscando testar e validar as práticas. Muitas vezes, podemos nos submeter a algo, mesmo que depois não aprovemos ou gostemos. Mas, o importante, neste caso, é se permitir e praticar, com forma de por em jogo todas as nossas concepções (pré)concebidas sobre algum fato, pessoa ou contexto. Por exemplo, não podemos dizer que não gostamos de um couscous a ser comido com as mãos no Marrocos, se nunca o comemos. Mas, além do comer, existe aí significados e significantes que levam a compreensão de outras dimensões que muitas vezes só temos a capacidade de perceber ao experimentar.

Ao compreender o mundo, os problemas e as soluções que nós mesmos tentamos ofertar, enquanto gestores sociais, devemos entender os diferentes contextos culturais em termos cognitivos, políticos, éticos, estéticos e espirituais. Para isso, deve-se compreender a formação e o que a Residência Social propõe. Macedo (2010, p. 41) sinaliza para a importância de perceber o sentido de compreender a formação, já que “a ideia de *compreensão* já significa a existência se apresentando em formação, ou seja, existimos compreendendo para poder viver, e com isso, nos formamos” (grifo do autor).

A imersão em novas culturas é sem dúvidas um desafio necessário para o Residente Social. Trata-se de buscar mergulhar em profundidade e batizar-se em outros ambientes e contextos socioculturais. Muitas vezes temos dificuldades para isso, já que estamos amarrados a paradigmas de ensino-aprendizagem convencionais que remetem à sala de aula, à relação professor-aluno, às avaliações. É comum, por exemplo, ao viajarmos para uma Residência Social ou outra experiência de imersão como os estágios doutorais (“sanduíche”) sermos indagados inicialmente pelos nossos colegas: “Está curtindo muito por aí? E... como estão suas aulas? Tens aulas todos os dias?”. Responder coisas desta natureza pode deixar alguns embaraçados, porém, não deveria. Nos processos deste tipo que vivi e vivencio, sempre tenho o orgulho de afirmar que não vou diariamente a universidade, ao centro de investigação, aos chamados “tanques de pensamento” (MORO, 2005) ou a organização X ou Y. Mas, cotidianamente vivo em aulas, seja ao observar o comportamento cívico das pessoas na rua; ao conversar e escutar os habitantes de um território; ao entender os aspectos históricos e políticos que estavam por trás da construção de um monumento; ou mesmo, provando uma

bebida/comida regional ao som de uma música local. Obviamente, não se está o tempo inteiro com o olhar astuto e não desprovido de pesquisador ou gestor social. Tampouco, estamos completamente distanciados disto, pois temos responsabilidades a cumprir (consigo, principalmente) frente aos processos formativos propostos nestas imersões.

Até aqui o leitor deve estar se questionando, talvez concordando com muitos dos exemplos trazidos, mas, se perguntando o porquê de enfatizar tanto a dimensão cultural na Residência Social. Recorro a algumas perguntas feitas por Moro (2005) para clarificar os porquês desta ênfase: Que tão significativo resulta para os gestores sociais reconhecer a diversidade cultural? Considerar esta dimensão amplia a compreensão sobre a complexidade da gestão social? Agrega valor seja aos processos ou resultados [da formação]?

Compreendendo a gestão social como uma fusão de distintos saberes e aprendizagem a partir de experiências que produzem um olhar próprio e diferenciado sobre os problemas sociais, certamente, traz caminhos para respostas às indagações anteriores, sendo todas positivas. Cabe, porém, destacar que a dimensão cultural tem sido com freqüência um bem não muito patente nos processos formativos, muitas vezes não passando de enunciações formais (MORO, 2005).

POR UMA METODOLOGIA

A Residência Social enquanto meio de formação privilegia a dimensão cultural ao se preocupar com os porquês e como ocorrem as manifestações da vida social. Neste caso, creio que a prioridade vai além do aprender a gerir, mas compreender o social enquanto objeto e não apenas adjetivo da gestão. Este método pretende, portanto, aproveitando as análises de Hughes (1983) feitas por Macedo (2006, p.11) para analisar a etnopesquisa-formação, enfatizar que “fornecer razões, justificações, explicações, efetuar descrições/narrativas são atividades sociais e, conseqüentemente, tornam a vida social o que esta é”.

Indutivamente, o Residente Social vai levando a compreensão da polissemia do social por meio dos significados e dinamismos socioculturais dos territórios. Trata-se de processos indutivos, porém, de certo modo minimamente planejados, pois, afinal, não se “viaja” e se “imerge” num contexto “(des) conhecido” sem nenhum instrumento ou visão prévia daquilo que se pode encontrar. Quando o estudante vai para o campo, certamente, já tem alguns fundamentos teóricos e metodológicos que o guiam. É aí que surge mais uma inovação neste processo metodológico: as possibilidades de se surpreender, de se adaptar, de mudar de rumo. Afinal, como nos ensina poeticamente Chico César (2008): “Caminho se conhece andando. Então vez em quando é bom se perder. Perdido fica perguntando. Vai só procurando. E acha sem saber”.

Ao compreender a cultura como uma linguagem, que antecede e cria condições de possibilidade para nossa constituição enquanto sujeitos, o Residente Social tende a se surpreender. Uma noção de cultura associada a certos padrões compartilhados, hábitos, tradições e crenças que criam sentidos de pertencimento, cria riscos de supor que as culturas são sistemas homogêneos, coerentes, integrados e fechados. Dar conta de enxergar as diferenças, a heterogeneidade e as mudanças que ocorrem numa cultura é um grande desafio para os gestores sociais. Para isso, é preciso compreender não apenas os aspectos históricos e originários da cultura, de um povo, por exemplo, mas, os significados que os fatos sociais vão adquirindo numa ordem lógica, simbólica e moral. No entanto, isso não pode ser interpretado como algo definitivo. Trata-se de um sistema aberto e dinâmico que opera como um dimensão constitutiva da ordem social, política e econômica (MORO, 2005). As culturas devem ser vistas como verdades relativas aos atores e atrizes sociais, ou seja, “são versões da vida, teias, imposições, escolhas de uma política de sentidos e significados que orientam e constroem nossas alternativas de ser e de estar no mundo” (GUIMARÃES ROCHA, 1958 apud MACEDO, 2006, p.29)

Esta compreensão ampla sobre a cultura aplicada a Residência Social caracteriza mais uma inovação, já que se trata de um método contextual, transitório e dinâmico nos processos de formação dos gestores sociais.

IDENTIDADE DO GESTOR SOCIAL

A imersão do Residente Social pode também o levar a experimentação de tentar ser um flâneur³, caminhante curioso, de curiosidade aguçada que busca a realização pelo deslocamento, para experimentar novas paisagens, contrastes e “aprender olhando, passando, perguntando, experimentando, tocando, sentindo o gosto, ouvindo histórias, às vezes nunca narradas”. Nesse caso, o Residente Social passa a experimentar ser um flâneur crítico da realidade social, sendo levado muitas vezes a não-lugares que lhe “atraem profundamente, porque o obriga a produzir pelo olhar atento, novos sentidos, novas aprendizagens fronteiriças, híbridas” (MACEDO, 2010, p. 146).

A hibridização entre o “desprovimento” de intencionalidades e a criticidade, permite ao Residente Social olhar a conformação dos campos e instituições sociais. Mesmo sob o risco de ecletismos teóricos, permite uma recuperação das dimensões cultural e política. Dimensão cultural entendida como a configuração histórica somada a dimensão simbólica estrutural e estruturante

³ O termo “flâneur” é francês e não possui tradução precisa. Vem do verbo “flâner” que significa “passear”. O francês Charles-Pierre Baudelaire, poeta e teórico da arte modernista, simbolicamente descreve o “flâneur” como uma pessoa que anda pelas ruas, observando-a, a fim de experimentá-la e aprendendo com cada detalhe, tendo novas percepções da cidade. O termo vem sendo utilizado e criticado em diferentes contextos, porém, aqui usamos como uma metáfora.

do humano. A prática destas acepções pelo gestor social permite compreender o entrelaçamento da cultura com o político e, conseqüentemente, com a hegemonia. Ao considerar o componente político, percebe-se como as culturas e âncoras identitárias dos sujeitos se manifestam na construção da cidadania em um dado território (MORO, 2005).

Enfim, ao ocorrer a imersão cultural durante a Residência Social, propicia-se a formação de gestores sociais capazes de compreender, a partir da análise de Moro (2005), que:

- O espaço da gestão social não é um monólogo, mas contém uma polifonia de vozes que antes de tudo é importante escutar, recuperar, fazer surgir e saber interpretar;
- A gestão social não é um lugar de concertação neutra de interesses, nem tampouco de mera execução do desenho de um projeto, nem um momento a mais na deriva de problemas públicos e percepções sociais. É um ato criativo em si mesmo, no qual o gestor social não é um simplesmente reflexo de decisões que se tomam, nem mero produto de ações reativas a demandas, mas, age na dinâmica de conformação do processo político e cultural;
- A gestão social é um campo de intersecção dinâmica dos sentidos, o ponto de partida inicial é que o gestor social entenda o jogo das múltiplas visões e cosmovisões que se estabelecem no interior de cada campo e de cada interação;
- Uma síntese do papel do gestor social é ser mediador de sentidos e catalizador/orientador de processos sociais, a partir da análise da necessidade sua imersão na dimensão cultural;
- A capacidade de escuta do gestor social é importante, porém, mais importante ainda é que não atue de maneira ingênua a respeito dos usos da linguagem. O discurso é um canal transparente dos interesses e intencionalidades em jogo.

CAMINHAR E CAMINHAR..

Cabe a nós sonhadores, aprendizes e executores da gestão social decodificar as culturas para nos politizarmos. Imergirmos em diálogos multi/interculturais é uma decisão ética resultante de um processo enriquecedor em si mesmo, que metodologias como a Residência Social tendem a facilitar. Por meio das trocas culturais temos possibilidades infinitas de aprendizagem e de refletir sobre a nossa própria cultura.

Assim, fica a dica para todos os residente sociais: aproveitem este momento da formação para ser espécie de flanêur crítico ou, em bom baianês, “se jogue”, mas “se ligue” e “fique experto”, afinal, “caminho se conhece andando”!

REFERÊNCIAS

CÉSAR, C. Deus me proteja de mim. Francisco, forró e frevo. CD. São Paulo: EMI, 2008.

MACEDO, R. S. Compreender/mediar a formação. O fundante da educação. Brasília: Líber Livro, 2010.

_____. Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação. Brasília: Líber Livro, 2006 (Série Pesquisa, v. 5)

MORO, J. La dimensión cultural en la gestión social. El papel de la gerencia social y la construcción de ciudadanía plural en América Latina. In: REPETTO, F. (editor) La gerencia social ante los nuevos retos del desarrollo social en América Latina. Guatemala: Magna Terra Editores S.A., 2005, p. 101-159